

ENSINO DE SOCIOLOGIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Carla Silva Santos Esquivel

Graduanda em Lic. em Ciências Sociais – UESB/VCA – Brasil;
Bolsista do subprojeto de Sociologia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à
Docência (PIBID). E-mail: carlaesquivel05@gmail.com

José Miranda Oliveira Júnior

Mestre em Educação – UESB;
Licenciado em Filosofia – UESC;
Licenciado em Ciências Sociais – UESC;
Especialista em Gestão de Políticas Públicas de Gênero e Raça - UFBA.
Professor substituto da UESB/VCA – Brasil. E-mail: jm.csociais@hotmail.com

Stefany Ferraz Sousa

Graduanda em Lic. em Ciências Sociais – UESB/VCA – Brasil;
Bolsista do subprojeto de Sociologia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à
Docência (PIBID). E-mail: stefanyferrazsousa8@gmail.com

Valdivia Araújo

Doutoranda em Educação contemporânea – UNEB /Campus I;
Mestra em Ciências Sociais – UFRN;
Licenciada em Ciências Sociais – UFPB/ Campus II;
Professora assistente da UESB/ VCA – Brasil;
Coordenadora do subprojeto de Sociologia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação
à Docência; colaboradora do grupo de pesquisa Sociologia das práticas curriculares: uma
leitura a partir da teoria do discurso. E-mail: valdiviaaraujo@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar o relato de experiência vivenciado por intermédio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Sociologia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – campus Vitória da Conquista. Dentro dessa proposta, destacaremos a abordagem pedagógica utilizada pela docente em sala de aula, algumas ocorrências que surgiram durante o processo, o desinteresse por parte dos alunos, o desdobramento da professora com relação a essa situação e a dificuldade de associar o ensino de sociologia com a vida prática. O período observado levantou inquietudes a respeito de como o currículo deve ser composto, bem como a práxis docente, para que haja uma melhora na qualidade do ensino-aprendizagem. A partir dessa troca de experiências e aprendizado provocou-se a necessidade de uma construção paulatina de uma práxis que atenda às demandas do ensino de Sociologia na educação básica e, sobretudo, compreender quais são os principais desafios enfrentados nas escolas de rede pública brasileira.

Palavras chave: Ensino de Sociologia. PIBID. Práxis Pedagógica.

O presente artigo refere-se à prática de observação dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Sociologia, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Tem como objetivo mostrar os desafios e perspectivas do ensino de Sociologia na educação básica nas escolas públicas do ensino médio do município de Vitória da Conquista- Ba. Tendo como público alvo os professores da educação básica, os estudantes de licenciatura de Ciências Sociais e os demais pesquisadores na área de Sociologia da Educação.

As atividades de observação foram realizadas no Centro Noturno de Educação do Estado da Bahia ¹(CENEB) em Vitória da Conquista – Ba. A escola é de rede estadual e oferece três modalidades que, segundo o Projeto Político-Pedagógico da instituição, foi criado no dia 06 de junho de 2013, sob o decreto nº14.532, Portaria nº 3770/2013 – Código 11.79270. Posteriormente, com a extinção deste, foi incorporado ao Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED). O CENEB oferecia três modalidades de Ensino que funcionam no turno noturno – das 18h50min às 22h00 –, sendo elas: Educação de jovens e Adultos – EJA Formativo II e III; Tempo juvenil e Ensino Médio Regular, sendo a primeira alvo de observação criteriosa dos bolsistas.

No que diz respeito à disposição espacial da escola, o CENEB- Vitória da Conquista funcionava nas instalações do IEED localizada no bairro recreio, em frente à praça Guadalajara, localiza-se, portanto numa região central e que dispõe de transporte coletivo nas proximidades.

A participação dos discentes de Ciências Sociais nas atividades desenvolvidas na primeira etapa do PIBID teve como finalidade tornar familiar o ambiente escolar, dessa maneira, permitir a construção paulatina de uma práxis que atenda às demandas do ensino de Sociologia na educação básica e, sobretudo, compreender quais são os principais desafios enfrentados nas escolas de rede pública brasileira.

Destarte, as atividades aqui descritas tratam-se apenas das observações realizadas em duas turmas no curto período que iniciou-se no dia 01 de outubro de 2018 até o momento atual (abril/2019) para, a partir disso, discutir a importância do ensino de Sociologia na educação básica e compreender o cenário da Sociologia no Ensino Médio.

¹ E-mail: ceneb.vitoriaconquista@educacao.ba.gov.br Fone: 3425-3110

As abordagens que pretendemos problematizar aqui vão desde a contextualização da Sociologia enquanto disciplina obrigatória no currículo do ensino médio até as suas disputas em um lugar de reconhecimento na escola, ressaltando as perspectivas e os desafios do ensino de Sociologia.

O campo da sociologia implica em conhecer a realidade social, a relação entre indivíduo e sociedade, comportamento social, enfim, ao mesmo tempo que o pesquisador passa a ser também o objeto de sua pesquisa. Pode-se então interpretar sociologicamente, ou até mesmo, problematizar a ação do professor no ensino de sociologia, seja em sua prática docente, seja na constituição de sua identidade, isto é, qual o lugar do professor do ensino de sociologia ocupa nas escolas? Quais suas significações, no âmbito escolar? Em busca dessa identificação, trazemos uma reflexão de Pimenta para elucidar melhor nossa análise:

...a identidade profissional do professor se constrói a partir da significação social da profissão [...] constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor (PIMENTA, 2002, p. 07).

A partir disto, a formação do profissional da educação deve ser pensada enquanto um processo subjetivo e, sobretudo, político, uma vez que, como afirma Arroyo (1997) a valorização da profissão do professor acontece na medida em que seu trabalho é requalificado.

Isto posto é de suma importância compreender que a institucionalização da Sociologia no Brasil vem desde 1925, com a Lei Rocha Vaz, que inclui a disciplina no currículo das escolas e que começa a entender a sua importância no campo científico, mas que seu percurso é marcado por idas e vindas da obrigatoriedade da Sociologia no campo educacional, tanto pela substituição por outras disciplinas, como por exemplo a Organização Social e Política Brasileira (OSP) e a Educação Moral e Cívica, quanto pela sua dissolução na grande área de humanidades.

Portanto a ideia que se forma da disciplina de Sociologia, no percurso da história, vai oscilando entre caráter subversivo e caráter emancipador na medida em que é conveniente.

Em face dessa contingência a disciplina de Sociologia, hoje, deve proporcionar aos alunos a construção de pensamento questionador dos processos cotidianos e a ruptura com o senso comum, tal como aponta Jikings:

Desobstruir o horizonte intelectual e libertá-lo das concepções tradicionais e religiosas do mundo, assim como dos ‘efeitos sedativos da propaganda’, que manipula a opinião pública para determinados fins e se ‘infiltra em nossa mente de fora para dentro’. Nesta perspectiva, as ciências sociais potencializam uma compreensão ampla do mundo social e a formação do ‘novo tipo de homem’ exigido pela sociedade da época (JINKINGS, 2007, p. 116).

Uma vez que o ensino de Sociologia nas escolas brasileiras se torna precário das mais diversas maneiras, seja pelo tempo/aula curto, pela disposição das aulas nos “piores” horários, pela desvalorização do papel do educador, pela construção ainda frágil de uma identidade para a Sociologia e, principalmente, por ser lecionada na maioria das vezes por profissionais de outras áreas ou até mesmo com formação à distância percebe-se que

o maior desafio que se impõe a disciplina reside, sobretudo, na retomada de uma reflexão que propicie a operacionalização de um conjunto de conhecimentos adquiridos na formação acadêmica em Ciências Sociais para um público sem uma vivência nessa área e que possui expectativas diversas em relação ao docente no que tange ao conteúdo de Sociologia. Não estaremos formando Cientistas Sociais na escola básica. Por isso, a Sociologia que aprendemos na graduação deve passar por um processo de adequação (MEIRELLES, M; Raizer, L; PEREIRA, T.I.; FERNANDES, M.O., 2007, p. 3).

Segundo Ileizi Fiorelli Silva (2009), o movimento de reconhecimento do ensino de sociologia no Brasil é algo que vem sendo discutido desde os anos de 1940, tendo seu papel enquanto disciplina obrigatória questionado. A autora ressalta que a legitimação da disciplina de sociologia depende dos contextos histórico-culturais, das relações sociais, educacionais e científicas, que caracterizam o âmbito da sociologia incorporado no sistema de ensino. Sendo assim:

[...] o papel da sociologia na formação dos adolescentes e dos jovens dependerá do tipo de escola, de ensino médio e de currículo que iremos definir ao longo da história. [...] É preciso que a disciplina se consolide nos currículos para que se estimule a produção de materiais didáticos, assim como para que mais graduandos concluam a habilitação de licenciatura e que se interessem pelo ensino médio (SILVA, 2007, p. 422).

Como aponta Amurabi Oliveira (2015), existe uma relação íntima entre as transformações ocorridas nas políticas educacionais e o avanço da sociologia no currículo juntamente com a produção acadêmica nessa área. Acreditamos que o fortalecimento da sociologia como fonte de pesquisa, é importante para a consolidação da disciplina enquanto obrigatória no ensino médio.

Dentro dessa perspectiva, o mesmo autor cita o PIBID como uma política educacional que estimula a produção sobre ensino de sociologia:

[...]o PIBID tem ganhado a atenção dos pesquisadores, e acredito também que tem possibilitado o surgimento não apenas de uma nova geração de professores, que chegam às escolas depois de uma formação marcada por um intenso contato com a realidade escolar, como também de pesquisadores que passam a se interessar prontamente pelo Ensino de Sociologia enquanto tema de investigação (OLIVEIRA, 2015, p.11).

Fundamentado pelos pensamentos acima, este texto segue como relato de experiência, com o intuito de agregar teoria e prática, das questões tratadas anteriormente. Como já foi explicitado antes, as visitas iniciaram-se no dia 01/10/2018 e esse relato refere-se as observações de duas turmas do EJA nas Segundas-feiras, acompanhando a professora regente nas aulas de Sociologia.

A abordagem pedagógica utilizada pela professora regente pode ser descrita como leitura de textos com os alunos – textos estes organizados pela própria professora em formato de apostila –, ao fim do texto há sempre um questionário que deve ser respondido pelos discentes. A docente utiliza de uma metodologia que acredita facilitar a compreensão dos discentes, auxiliando-os a encontrarem as respostas contidas nos próprios textos, sem explicação prévia dos assuntos, dessa maneira só é preciso marcar a questão correta.

Percebe-se com isso que a interação dos discentes com os conteúdos fica em parte comprometida, já que não há, talvez pelo tempo curto da aula de sociologia, ou talvez ainda não encontrado uma metodologia mais adequada que possibilite o posicionamento de uma participação mais ativa dos estudantes de Sociologia em uma problematização que leve ao estudante refletir o conteúdo relacionando a sua realidade o que poderia torná-los mais estimulados a refletir e produzir junto com os demais na sala a construção do conhecimento crítico.

Outra prática observada foi a construção de mapas conceituais², os quais foram realizados em dupla e que foram feitos mediante a leitura de alguns textos que a professora entregava em sala de aula, em seguida eram destacados os pontos que os discentes e a professora pressupunham serem relevantes e, em conjunto, há a construção do mapa conceitual, de modo que, ao fim da construção, o esquema de todos os alunos tornem-se

² Esquematização das relações de ideias e conceitos.

bastante semelhantes. É importante apontar que a docente traz consigo as respostas em uma folha, apresenta elas, no quadro, para os alunos e, para que haja uma “participação” discente, eles escolhem se querem mudar alguma palavra ou se acham melhor colocar outra coisa (Em todos os dias de observação só houve alteração de um tópico proposto por uma aluna).

Assim, as aulas por ora observadas tiveram como metodologias de ensino: leituras, resolução de questões e construção do mapa conceitual. Segundo a supervisora há uma grande dificuldade por parte dos alunos em acompanharem com atenção às aulas, por isso ela teria escolhido esse modelo, para que haja maior interação dos alunos.

Entretanto percebe-se uma certa ineficiência nessa metodologia adotada, quando se observa uma certa ausência de participação e de internalização dos conteúdos, havendo uma demonstração de passividade nas reações dos discentes.

Por vez, é perceptível que torna-se necessário o resgate dos valores sociocultural desses jovens estudantes para que os mesmos possam desenvolver um pensamento crítico sobre o seu próprio contexto. Para tanto, precisa-se articular metodologias, conteúdo e realidade do discente afim de atrair os interesses desses jovens na co-participação da construção do conhecimento em sala de aula.

Para Castro, Tucunduva e Arns:

Os professores precisam quebrar o paradigma de que o planejamento é um ato simplesmente técnico e passar a se questionarem sobre o tipo de cidadão que pretendem formar, analisando a sociedade na qual ele está inserido, bem como suas necessidades para se tornar atuante nesta sociedade (CASTRO, TUCUNDUVA E ARNS, 2008 p.56-57).

Durante o período de observação houve algumas ocorrências inusitadas, todavia, para uma situação de ambiente escolar, tais como: um aluno com fortes indicações de alcoolista, frequentou por várias vezes as aulas num estado, visivelmente de embriagues; Essa situação nos chamou atenção para oportunamente em nossos planejamentos do PIBID/Sociologia provocar uma reflexão sobre o problema apresentado, sobretudo, no aspecto social. Sabe-se que o uso abusivo de ingestão de bebidas alcoólicas, podem desencadear um agravamento nas relações sociais, especificamente, nas familiares e de ocupação profissional.

Para tanto, idealizamos um momento de reflexão com a formação de uma mesa redonda que possamos trazer alguns especialistas (sociólogos, psicólogos, assistentes sociais e um profissional da saúde) que orientem nos esclarecimentos dos efeitos do álcool e encaminhem

na busca de soluções sobre os efeitos sociais e de saúde desencadeadores desse problema de ordem social. Na sequência, ainda com a mesma temática, pensamos em elaborar um projeto de oficina que faça os alunos refletirem e construam suas próprias observações sobre : “Os efeitos sociais do álcool na vida dos sujeitos”.

Outro problema que nos trouxe preocupação na fase da observação foi um levantamento da pauta de gênero pelos próprios alunos, com uma postura bastante homofóbica em relação à um colega homossexual; O fato ocorreu no período das eleições presidenciais, em que o grupo de alunos se apropriaram da discussão de um determinado candidato, que também justificava seus posicionamentos parâmetros religiosos, justificando seu discurso homofóbico, numa espécie de “verdade divina”. É importante apontar que, semanas depois, o aluno que sofreu preconceito por sua orientação sexual tentou suicídio e ficou até o fim das atividades letivas afastado da escola.

Tal fato nos fez ampliar nossas preocupações em promover um debate com as devidas cautelas para sensibilizar o cuidado com o outro, independente de sua orientação sexual, No respeito às diferenças. As questões que envolve gênero e orientação sexual, estão no campo da sociologia e atualmente está se tornando muito polêmica pela onda conservadora que invadiu a disputa dos diálogos sobre o respeito às diferenças

Neste caso seria conveniente buscar ajuda de especialistas nos campos: biológico; sociológico e psicológico. A problematização sobre a temática pode ser construída aos poucos, e de forma interdisciplinar, num primeiro momento a providência de uma mesa composta pelos vários olhares de campos diferentes. Após a palestra, solicitar que façam questionamentos e depois escrevam sobre a sua compreensão dos pontos abordados na palestra. Em outra etapa, passar um documentário realizado no curso de comunicação da UESB sobre as angústias vividas por um transexual, que revela suas angústias na luta de sobrevivência na sociedade. Trata-se desde o desprezo da família, o desprezo social e suas várias tentativas de suicídio por não suportar o abandono social. A partir deste documentário os alunos irão trabalhar em grupo para interpretar os fatos apresentados no vídeo a luz da análise sociológica. E na última etapa os grupos vão falar de sua construção de conhecimento sobre o assunto. Após o cine- debate, os estudantes irão escrever sobre seus posicionamentos se caso esse ator social, fosse você. Como agiria?

Compreendemos que as situações reveladas no próprio interior das salas de aulas nos direcionam nas reformulações de nossos planejamentos a partir de um olhar cuidadoso do docente para atender as reais demandas do estudante em formação. As oportunidades de nos

aproximar da realidade do estudante, as vezes assumem condições tão importantes quanto aos conteúdos formais. Estes podem ser articulados aos anseios revelados no interior da escola, levando os estudantes a refletirem suas práticas relacionadas aos conteúdos estudados. Desta forma, acreditamos contribuir para uma ressignificação do olhar, desenvolvendo uma conduta pautada no respeito ao outro e no desenvolvimento do senso crítico do aluno. Neste sentido, Silva, Ezequiel, 1991

[...] um mínimo de intimidade com a realidade concreta das escolas é necessário à formação do educador. Sem isso, abre-se a possibilidade de improvisação ou, o que é pior, de experimentação para ver se “dá certo” em termos do encaminhamento do ensino. Até que o professor se situe criticamente no contexto de sala de aula, os alunos passam a ser cobaias desse profissional (SILVA, EZEQUIEL, 1991, p. 71 in Hypolitto, 2008, p. 6).

Por conseguinte, o ato de ensinar não é deslocado de um ato político, e a partir de tal entendimento deve se compreender a prática pedagógica como um todo integrado, que a partir de uma postura crítica, estabelece objetivos que devem ser atendidos por consequência de um conteúdo sistematizado. Dessa forma, o fazer do regente não pode ser separado da ação do planejamento, ou sua prática será esvaziada de sentido e possivelmente não conseguirá ter sucesso quanto a atingir seus objetivos, de forma a atingir a emancipação dos alunos e construir um conhecimento.

Assim sendo há uma ponderação de Amurabi que se faz relevante:

[...] é necessário pensar sociologicamente o Ensino de Sociologia, mas também há que se manter uma constante reflexão sobre as questões pedagógicas que se colocam no âmbito da prática dos professores que atuam na Educação básica. Sendo assim, penso que tanto as pesquisas desenvolvidas no âmbito da educação quanto das ciências sociais possuem relevância para o campo, que em verdade é elaborado na interface entre essas duas áreas (OLIVEIRA, 2015, p. 9-10).

Por meio disto, o conceito de imaginação sociológica de Wright Mills funciona enquanto um mecanismo basilar para que haja, de fato, uma práxis pedagógica que incentive nos alunos o desenvolvimento da capacidade de desnaturalizar e de estranhar a realidade.

uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos [...] A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos [...] nos permite compreender a história e a biografia e as

relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa a sua tarefa e a sua promessa. (MILLS, 1975, p. 11-12).

A partir disso é possível perceber que a participação dos bolsistas no PIBID ocorre para além da observação, em alguns momentos também auxiliamos na leitura dos textos, tiramos dúvidas acerca de questões, foram feitas pequenas intervenções quando a professora não se posicionava e contribuimos quando possível na construção do mapa mental.

Considerações Finais

De acordo com os argumentos supracitados, evidenciamos claramente as dificuldades presentes no ensino de sociologia na Educação Básica, tendo como nicho a modalidade EJA e percebemos o desinteresse por parte dos alunos, o desdobramento da professora com relação a essa situação e a dificuldade de associar o ensino de sociologia com a vida prática.

O período de observação, até aqui, nos proporcionou uma inquietude a respeito de como o currículo deve ser composto, bem como a práxis docente, para que haja uma melhora na qualidade do ensino-aprendizagem. Todo esse processo que, apesar de ser curto, modificou nosso olhar, gerando uma experiência que nos auxiliará e transformará nossa visão enquanto docentes, futuramente.

Indo nessa direção, o PIBID se tornou de total relevância para a construção de um posicionamento crítico por parte dos bolsistas implicados no programa, e sobretudo propiciou uma visão mais alargada a respeito do cenário educacional, permitindo que ainda na graduação esses discentes tenham consciência da dimensão política e social do professor da rede básica de ensino e os desafios da busca pela construção de processos emancipadores.

Desse modo, a formação continuada e o entendimento da atitude do docente enquanto profissional se faz basilar para assegurar o avanço da sociologia enquanto disciplina de importância e, portanto, obrigatória, para isto, é necessário que se pense o ensino de Sociologia na educação básica de acordo com o contexto o qual os sujeitos estão inseridos e, dessa maneira, ampliar o espaço de reflexão.

Sabendo, então, que o processo de aprendizagem é algo continuado, isto é, não encerra-se na graduação, o exercício da educação deve estar sempre, em constante aprimoramento tanto na associação de novas metodologias quanto na articulação entre o ensino e a prática.

Dessa maneira o PIBID proporciona aos bolsistas várias possibilidades de iniciação à docência, sobretudo no que diz respeito à compreensão dos aspectos supracitados e, a partir disso, os capacitam a desenvolverem novas alternativas de práticas didático-pedagógicas que atenda à realidade vivenciada pelos discentes.

Dentro desta perspectiva, salientamos que os momentos vivenciados por intermédio do PIBID permitem a construção progressiva de metodologias e práticas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. Sobretudo, o projeto fortalece a importância do fazer docente a partir da iniciativa de inserção de licenciandos nas escolas de rede pública, o que possibilita uma melhoria na formação inicial dos mesmos. Além de conceder o encontro entre teoria e prática, o PIBID tem por intenção edificar a práxis no âmbito escolar, que permita uma maior qualidade no ensino público.

Mesmo em um cenário de retrocesso e sucateamento do ensino público brasileiro, projetos como o PIBID se tornam centrais e resistentes a qualquer desmonte que se desenhe.

Nesse sentido a existência desse programa assegura a permanência dos discentes licenciandos, bem como cria uma nova realidade de interação entre ensino superior e educação básica, que pode vir a resultar na maior inserção de alunos do ensino básico, envolvidos no processo nas instituições de graduação. Dito isto, o projeto garante um ensino de qualidade uma vez que garante, concomitantemente, a formação docente.

Referências Bibliográficas

ARROYO, M. *Pedagogia das relações de trabalho. Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, 1997.

CASTRO, Patricia Pereira Penkal de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. *A Importância Do Planejamento Das Aulas Para Organização Do Trabalho Do Professor Sua Prática Docente*. Athena – Revista Científica De Educação, 2008.

JINKINGS, Nise. Ensino de Sociologia: *Particularidades e Desafios Contemporâneos*. In: Mediações - Revista de Ciências Sociais /publicação do Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

MEIRELLES, M; RAIZER, L; PEREIRA, T.I.; FERNANDES, M.O. *Pensando o Fazer Docente do Professor de Sociologia: Elementos Para a Construção de um referencial Crítico de Análise*. 2007.

MILLS, W.C. *A imaginação sociológica*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1975.

OLIVEIRA, Amurabi. *Um Balanço Sobre O Campo Do Ensino De Sociologia No Brasil*. Revista Em Tese, Florianópolis, 2015.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.) *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *O Professor E O Combate À Alienação Imposta*. São Paulo: Cortez, Autores associados, 1991.

SILVA, Ileizi L. Fiorelli. *A Sociologia no Ensino Médio: Os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina*. Cronos, Natal, 2007.

_____, Ileizi L. Fiorelli. *O Papel da Sociologia no Currículo do Ensino Médio*. In: II Simpósio Estadual sobre Formação de Professores de Sociologia. Londrina, Universidade de Londrina, 2009.